

## Cordeiro de Deus: uma análise da produção de sentido da trilha sonora em desfiles de moda

Renata Voss CHAGAS<sup>1</sup>

### Resumo

O presente artigo aborda a utilização da trilha sonora como forma de produção de sentido em desfiles de moda, considerando o desfile como acontecimento-espetáculo. A trilha do desfile da coleção “Cordeiro de Deus”, do estilista Ronaldo Fraga é o objeto aqui estudado, considerando a análise da música popular massiva pelo viés da comunicação. Consideramos que a trilha sonora ajuda a criar certas ambiências e sentidos determinados na estrutura dos desfiles.

**Palavras-chave:** Música. Moda. Comunicação.

### Introdução

A moda é um fenômeno que a partir do século XIX passou a tomar conta do dia a dia da população. Seja através das tendências que a cada estação estão presentes prateleiras de lojas ou mesmo por programas de televisão – como novelas, séries, dentre outros – que agendam certos estilos e o público passa a aderir a estes. O fato é que a moda deixou de ser um fenômeno restrito às elites, passando a figurar também em outras camadas sociais. Como afirma Souza (1987, p. 21),

é no século XIX, quando a democracia acaba de anular os privilégios de sangue, que a moda se espalha por todas as camadas e a competição, ferindo-se a todos os momentos, na rua, no passeio, nas visitas, nas estações de água, acelera a variação dos estilos, que mudam em espaços de tempo cada vez mais breves.

Assim, até o final do século XIX o produto tinha apenas caráter funcional; Ou seja, tinha que servir para alguma coisa – a comida para não passar fome, por exemplo. O cenário que temos a partir desse momento é o do valor de troca, que compreende outro entendimento das coisas, “a ética do consumo privilegia sua “inutilidade”

---

<sup>1</sup> Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia. Email: renata.voss@gmail.com

(ORTIZ, 2007, p. 119). Desse modo é isso que faz com que o mercado da moda se desenvolva: o modo como o valor é agregado a peças que têm a mesma utilidade. Um casaco que aparentemente serve apenas para aquecer o indivíduo do frio, pode ter o seu valor pecuniário bastante variado dependendo da loja onde ele seja vendido, qual é a marca, qual é o estilista, se é uma edição limitada – com quantidade restrita de peças, etc.

O mercado da moda no Brasil funciona através do lançamento de coleções a cada semestre: no verão é lançada a coleção do próximo inverno e no inverno é lançada a coleção do próximo verão. É através desse processo que o mercado funciona: numa estação é indicada o que se deve consumir para a próxima estação.

Os principais eventos que funcionam como vitrine para as criações dos principais estilistas e marcas são a Casa de Criadores<sup>2</sup>, o Fashion Rio<sup>3</sup> e o São Paulo Fashion Week, sendo este último tendo sua primeira edição em 1996 e se tornando um dos principais eventos de moda do país. Pontuamos aqui a necessidade freqüente de renovação para o funcionamento da indústria da moda, afinal “toda cultura mass-midiática tronou-se uma formidável máquina comandada pela lei da renovação acelerada, do sucesso efêmero, da sedução instável” (LIPOVETSKY, 1989, p. 205)

A realização de desfiles em eventos deste porte dá uma valorização ao estilista e ao produto que ele produz. Por isso, há um ambiente de competição no universo da moda no sentido de que uma roupa não é apenas uma roupa, é acima de tudo, uma marca que tem sua identidade. Assim, ao nos vestirmos, não estamos somente protegendo o corpo, mas sim adornando-o através das roupas que são símbolos e que a sociedade irá ler e interpretar (SANT’ANNA, 2009). Seja pelo que significa utilizar tal marca ou tal estilo de roupa. Sobre esse processo temos que:

A vestimenta é definida comumente como proteção que o homem criou contra as intempéries. Esse pode ser o motivo pelo qual a humanidade veio a cobrir-se pela primeira vez, porém, o ato de cobrir o corpo — seja com pele animal ou tecidos rústicos — tornou-se um fator de diferenciação sociocultural. O ato de vestir-se vai além do ato simples e mecânico de proteção do corpo, o ser humano veste e adorna sua corporalidade com símbolos que ele sabe que os outros de sua sociedade saberão ler. Ele escolhe o que vestir. É uma seleção da imagem da pessoa como ser social,

---

<sup>2</sup> A Casa de Criadores surgiu em maio de 1997 e tinha como objetivo principal era o de criar um espaço que permitisse a estes estilistas uma proximidade maior com o mercado da moda brasileira. Seu foco era a criação autoral genuína e a revelação de novos talentos que, a partir do evento, tivessem a oportunidade de impulsionar suas carreiras. (CASA DE CRIADORES, 2009)

<sup>3</sup> Evento de moda que acontece no Rio de Janeiro que teve sua primeira edição no ano de 2002 e funciona através da apresentação de desfiles de diversas marcas.

conformando uma construção visual frente à sociedade, pois fala aos iguais, aos que pertencem ao mesmo grupo e suas diferenças frente aos outros. (SANT'ANNA, 2009, p. 01)

A moda é também uma forma de significar, pois através dela pode-se comunicar um pouco da identidade. Ela é uma linguagem que, para Souza (1987, p. 29),

reconcilia o conflito entre o impulso individualizador de cada um de nós (necessidade de afirmação como pessoa) e o socializador (necessidade de afirmação como membro do grupo); exprime idéias e sentimentos, pois é uma linguagem que se traduz em termos artísticos.

Assim, através da moda as pessoas se afirmam e também se afirmam como parte integrante de determinado grupo: “A escolha de vestes indica o que, onde (no sentido temporal e local da palavra), quem e, até mesmo como a pessoa vestida coloca-se frente à sociedade, aos grupos com os quais interage e a si mesma.” (SANT'ANNA, 2009).

No entanto, a própria lógica do mercado de moda faz com que sempre haja renovação. Conforme Lipovetsky (1989, p. 209),

a obrigação de renovação própria das indústrias culturais não tem, evidentemente, nada a ver com a “tradição do novo” característica da arte moderna. À diferença da radicalidade vanguardista, o produto cultural se molda em fórmulas já experimentadas, é inseparável da repetição de conteúdos, de estruturas, de estilos já existentes.

Dentro desse amplo processo que envolve a moda, o desfile é um dos momentos pelo qual muitos esperam. É através dele que sairão os comentários sobre tendências de modelos de roupas, cores da estação, mas, acima de tudo, há a preocupação do estilista em tornar o desfile um acontecimento marcante. Afinal, é dele que as pessoas vão lembrar se ele fizer algo que se diferencie dos outros. Conforme Duggan (2002, p. 5),

assim como nas representações de palco, os desfiles criados por designers de espetáculo exibem muito mais do que roupas. Na maioria dos casos, interpretam-se como minidramas completos, com personagens, locações específicas, peças musicais relacionadas e temas reconhecíveis.

A utilização de recursos como a cenografia, a luz e o som passaram a integrar os desfiles a partir da década de 1960 (DIELH *apud* DUGGAN, 2002) e acreditamos que estes elementos são de extrema importância na criação de cada narrativa proposta a cada coleção pelos autores. São elementos que dão forma à história.

Para localizarmos tais acontecimentos, basta observar os desfiles, por exemplo, da São Paulo Fashion Week. Percebe-se a utilização de cenários e iluminação

específicos e trilhas sonoras para um desfile que dura menos de meia hora e só acontece uma vez no evento.

Assim, se o desfile de moda é posto como acontecimento-espetáculo, de que forma a música contribui para tal construção? Neste artigo, pretendemos abordar a música como forma de produção de sentido em desfiles de moda através da análise da trilha sonora da coleção “Cordeiro de Deus”, do verão 2002/2003 do estilista mineiro Ronaldo Fraga.

Podemos perceber a construção do desfile-espetáculo na produção de Ronaldo Fraga através de todas as suas coleções; como por exemplo, “Quem matou Zuzu Angel?” – verão 2001/02 – que conta a história da estilista que usou a moda como forma de denúncia e protesto. Ou mesmo a coleção inverno 2004, intitulada “Cuantas noites não durmo” em que o autor faz uma referência a Lupicínio Rodrigues e no desfile cria uma atmosfera que remete aos anos 1930 e 40, com modelos representando homens e mulheres que chegam em casa pela manhã após uma noitada ao som de Jamelão (GARCIA, 2007).

Para a coleção “Cordeiro de Deus”, Ronaldo Fraga criou um personagem fictício – Jesus da Silva Santos – que vive esperando uma visita da amada na penitenciária. As roupas fazem referência a este universo através das cores e estampas que remetem a tatuagens, grafites e elementos religiosos. Na passarela, lâmpadas incandescentes penduradas por longos fios compõem a cena remetendo à cela da prisão.

### **A análise da trilha sonora**

A trilha sonora de “Cordeiro de Deus” é composta por seis faixas e nos propomos aqui a analisá-la<sup>4</sup>. Conforme Janotti (2009, p. 02), “Todo produto da música popular massiva está associado a um determinado contexto, que pressupõe indicações e constrações sobre as estratégias de produção de sentido em seus aspectos pragmáticos.” Assim, em relação ao contexto, é interessante pontuar que a trilha em questão foi produzida exclusivamente para o desfile, tendo assim sua significação de acordo com o tema do desfile e sendo as faixas “projetadas” para este acontecimento.

---

<sup>4</sup> A análise aqui realizada toma como base o modelo proposto no artigo “De que lado você samba? Uma proposta de análise midiática da música popular massiva”, de Jeder Janotti Junior.

A pesquisa musical e concepção da trilha foi feita pelo próprio estilista, sendo gravada por Fernanda Takai e John Ulhoa, ambos os músicos que compõem a banda mineira Pato Fu. A banda foi formada juntamente com o baixista Ricardo Koctus em 1992, na cidade de Belo Horizonte; gravou seu primeiro disco independente em 1993, e assinou com a gravadora BMG em 1994. Em 1995 o baterista Xande Tamiatti entra para a banda, que antes utilizava apenas bateria eletrônica. Em 2001 o tecladista Lulu Camargo da extinta banda Karnak ingressa também para a banda. Em 2005 a banda inaugura o selo independente Rotomusic. Até hoje, a banda lançou 9 álbuns. É interessante pontuar que além do Pato Fu, os músicos se dedicam também a outros projetos: John Ulhoa produz álbuns de outros artistas (como Wonkavision, em 2004; e recentemente o disco da cantora Zélia Duncan); Xande Tamiatti toca também na banda de black music chamada Pretomassa; Fernanda Takai gravou álbum solo com releituras das músicas de Nara Leão lançado em 2007. Ricardo Koctus também gravou álbum solo em 2008, no qual ele assume os vocais e violões e tem a produção musical de Gerson Barral e Carlos Eduardo Miranda.

A trilha do desfile foi gravada no estúdio 128 japs, construído na casa dos músicos autores da mesma. Conforme Thérbege (2006), a medida que as tecnologias e a própria rotina de gravação foram incorporadas ao cotidiano do músico, estes começaram a construir seus próprios estúdios. O estúdio 128 japs foi inaugurado em 2002 com a intenção de fazer ensaios e pré-produções do Pato Fu. No entanto, ao perceberem a qualidade das gravações, passaram a produzir álbuns inteiros no mesmo – não só do Pato Fu, como também o *Let it bed*, de Arnaldo Baptista, e os álbuns das bandas Wonkavision e Digitaria, além das trilhas produzidas para o estilista Ronaldo Fraga. (SABATINELLI, 2006)

É importante enfatizar aqui, que esta trilha não foi amplamente divulgada pela banda como os álbuns usuais – que têm sua divulgação através do site da banda, televisão, revistas, campanhas publicitárias etc. Ela foi lançada em CD com tiragem de 3 mil cópias, tendo a sua venda apenas nas lojas do estilista – e acreditamos que também nos principais eventos de moda – e sendo a renda revertida para a ONG Corpo Cidadão. Ressaltamos aqui que apesar de envolver dois músicos de uma banda bastante popular do país, a trilha teve a sua circulação bastante restrita se comparada aos outros CDs da banda, sendo o único produto midiático vinculado à trilha o próprio desfile.

Acreditamos que o fato da circulação ser muito restrita dá outra valoração ao produto: os possíveis compradores podem ser pessoas que gostem de moda ou do estilista (e não necessariamente do artista) e os fãs mais informados da banda que podem ter adquirido como objeto de colecionador.

A própria apresentação visual da embalagem contribui para essa idéia do colecionador: o CD vem numa embalagem de papel com alta gramatura, com o projeto gráfico desenvolvido pela Voltz Design, empresa que assina muitos dos materiais do estilista – como fachada de loja, cenografia de alguns desfiles, convites, vídeos, dentre outros produtos. Na capa, uma foto de uma das celas da Penitenciária José Maria Alkimim (Ribeirão das Neves-MG) com a imagem estilizada do Sagrado Coração de Jesus – que é uma das estampas que figura nas peças da coleção (Ver Figura 1). Também a inscrição “Fernanda Takai e John / Para Ronaldo Fraga. Trilha sonora. Coleção Verão 2002/2003”, remetendo a idéia de uma possível inscrição na parede da cela. No interior da embalagem, a letra das três músicas cantadas, mais elementos relacionado à coleção (estampa de sereia, imagem de Jesus, etc) e como fundo, a imagem de uma folha de caderno pautado – imagem esta que remete ao universo criado pelo autor: uma carta fictícia de um presidiário.

Abaixo transcrição da carta, com grifos que são úteis para melhor compreensão do contexto narrativo no qual a música se inscreve e melhor compreensão das análises:

São Paulo, 15 de julho de 2002.

Querida amada,

**Em todos os domingos, a expectativa da sua visita me transporta para um mundo maravilhoso e perfeito.** Já pela manhã, a privada do meu pequeno catre se transforma em um banheiro de um hotel 5 estrelas. O velho chuveiro de lata furada dá lugar a uma ducha farta e quente. Na janela, o frasco de desodorante Avanço abraça apaixonadamente o de Leite de Rosas, ambos presenteados por ti. **Rita Cadillac, Magda Cotrofe são substituídas por Nossa Senhora Aparecida e Nosso Senhor Jesus Cristo.** Mesmo o meu velho uniforme caqui listado, me faz sentir dentro da melhor beca de festa. Neste momento, imagino o seu corpo de sereia mergulhado nos meus braços, vestido de tecido mole que me deixa de pau duro. O bem e mal passam a ser uma única coisa. **Faço e refaço a barba pensando nos minutos em que estarei com o rosto colado ao seu.** Na pressa de descer para o pátio, visto a cueca por cima da calça, o que me faz rir de mim mesmo. Os portões deste hotel gradeado é aberto e os visitantes que já faziam fila ao lado de fora desde a madrugada, se misturam à massa de presos. Meus olhos te procuram na procissão de tipos. Parece um caldeirão de feijoada humana. **Evangélicos, católicos e macumbeiros são os primeiros a chegar na tentativa semanal de atrair ovelhas desgarradas para os seus rebanhos. Neste dia, hinos religiosos misturados com rap e pagode, me soam como canções de amor.** Este pátio, antes estéril, vira uma festa, que parece até quermesse lá no

Norte. **Mulheres, na imensa maioria, namoradas, prostitutas, irmãs, esposas, crianças e as mães. Sim, amor verdadeiro, talvez só de mãe.** Elas trazem sacolas de plástico transbordando de frutas, biscoitos, frituras e frango assado, álbuns de debutante, de batizado e bíblias. O tempo passa e mesmo para quem parece ter todo o tempo do mundo, ele é doído e cruel quando a espera é por quem se ama. Tento pensar em futuro ideal ao seu lado, mas o peso do passado não me deixa ir além do presente. O Sol já está se pondo, e de você nem o perfume apareceu por aqui. E com o passar dos dias, tudo vai voltando ao normal. As cores antes fosforescentes e brilhantes, vão se desbotando pouco a pouco. Nada mais tem graça, a festa que eu esperava não aconteceu no pátio, no fim da tarde, só as pombas fazem a festa com as migalhas de comida. **Você não veio, mas lhe confesso meu amor: parte de mim talvez torcesse por isso, porque sendo assim esperarei ansiosamente pelo próximo domingo, e esta é a forma que encontrei para não ser engolido pelo tempo.**

Do eternamente seu,  
Jesus da Silva Santos<sup>5</sup>

É possível perceber através desse texto que esses elementos ficcionais estão presentes na sonoridade do desfile. Em relação à performance gravada, as faixas figuram na ordem planejada para o desfile, ou seja, não há uma lógica própria da compilação criada pelos músicos, mas sim pela narrativa própria do desfile.

A primeira faixa é a música “O Povo de Deus”, de Domínio Religioso, gravada anteriormente pelos padres Marcelo Rossi e Padre Zezinho. Assim, uma música que tinha uma demarcação própria da igreja, sendo cantada em missas ou procissões, através da possibilidade de gravação pelos padres se torna um produto midiático. Essa faixa se relaciona com a narrativa quando o autor aborda a religiosidade dentro dos presídios (ver grifos da carta acima), reafirmando a presença de elementos do popular no massivo (BARBERO, 2006). Ou como afirma Ortiz (2007, p. 127), “as fronteiras rígidas que existiam, separando a arte erudita da cultura popular, se desgastaram.”.

Assim, o universo da religião e da tensividade passional dão forma à música, através da utilização do teclado como instrumento para a base harmônica – fazendo uma referência ao instrumento que é utilizado na maioria das igrejas em substituição do órgão – e a voz suave da cantora, que dá a sensação de intimidade, da ambientação da igreja e/ou procissão. Dá também a sensação de proximidade, como se estivéssemos ouvindo um momento de intimidade daquele que canta. Nesta faixa não há outros instrumentos, mas fazem com que a conjunção de voz e teclado sejam o enfoque principal da música.

---

<sup>5</sup> Personagem fictício criado por Ronaldo Fraga como protagonista da coleção verão 2002/2003 Cordeiro de Deus. (grifos nossos)

Em seguida vem a *track*<sup>6</sup> “Ainda queima a esperança”, sendo uma vinheta de 26 segundos com *sample*<sup>7</sup> de música interpretada pela cantora Diana. Frith (2006, p. 61), afirma que o desenvolvimento da tecnologia digital tem seus benefícios – como o próprio registro sonoro da obra – mas, tem a ampliação da possibilidade da apropriação de sons, sua manipulação e utilização em outras obras. Pontuamos aqui que na faixa em questão os autores se utilizam de *samples*, mas devidamente autorizados pelos autores das músicas.

A música foi gravada por Diana e é de autoria de Mauro Motta e Raul Seixas – que num período da carreira produziu a cantora. A música “Ainda queima a esperança” foi lançado em 1971, num compacto simples produzido por Raul Seixas.

Ao compararmos a *track* da trilha e a música original é possível perceber que os primeiros 26 segundos da música foram *sampleados* e que o tratamento dado a esse trecho foi outro: se na versão original é possível perceber nitidamente a presença de instrumentos como violões, baixo e bateria, na *track* percebemos um pequeno aceleramento no andamento da música e uma ênfase ao teclado através do aumento do volume do mesmo. Talvez essa ênfase tenha sido feita devido à predominância na maioria das faixas da trilha sonora serem dos teclados. A tentativa de simular o órgão de igreja ou mesmo as músicas de Diana somente são possíveis devido ao desenvolvimento dos processos de gravação, através dos *softwares* que simulam essa estética “retrô” (THÉRBEGE, 2006).

É interessante também lembrar que apesar de ser instrumental, se observarmos a versão original da música o tema tratado é da paixão. A música conta a história de um relacionamento que acabou; história que se relaciona com a carta acima transcrita: um homem que espera a visita da amada, no entanto a visita não acontece.

A terceira faixa é “Vem, eu mostrarei”, música também de domínio religioso que assim como a primeira faixa da trilha foi gravada pelos padres Marcelo e Zezinho. Já nessa faixa, há uma bateria eletrônica, baixo e guitarra fazendo a base rítmica e os teclados fazendo a base harmônica. A composição é de Waldeci Farias e Josmar Braga e foi também *sampleada* e inserida na faixa da trilha.

---

<sup>6</sup> Conforme Janotti (2009, p. 04), “as *tracks* são as faixas instrumentais, (...), que tem como principais referências o ritmo e as texturas sonoras”.

<sup>7</sup> O *sampler* digital é um dispositivo híbrido, que permite gravar o som e que funciona como instrumento musical. Foi projetado para reproduzir os sons dos instrumentos musicais convencionais, diminuindo os custos de produção em estúdio ao eliminar a necessidade de contratar músicos de acompanhamento. (THÉBERGE, 2001, p. 40)

Depois, outra *track* intitulada “É impossível”, música de domínio religioso, sampleada do disco “Canções para Orar 2”, de 1998, que tem duração de 40 segundos. O trecho retirado da música original são os primeiros 20 segundos, quando há uma vocalização, sendo a base rítmica bateria, baixo, piano e violões. Na trilha sonora essa vocalização teve seu volume bastante aumentado que transmite a sensação de mistério e suspense, prepara para a cena a seguir, como na trilha sonora de um filme de suspense.

A quinta faixa é “Se Soubesses”, versão em português da música “Si Supieras” gravada também pela cantora Diana, com versão em português de Rossini Pinto (autor de muitas das versões interpretadas por Diana). Essa música foi lançada originalmente no LP “Uma Vez Mais”, também produzido por Raul Seixas, em 1973.

De todas as faixas é a que tem a sonoridade mais parecida com a da banda Pato Fu, principalmente pelo uso do theremin, instrumento que foi utilizado na faixa “Eu”, do álbum “Ruído Rosa”, de 2001. A base rítmica é formada pela bateria eletrônica e a base harmônica pelos violões. Essa é a única faixa da trilha que não tem os teclados como instrumento principal. Em relação ao tema, a música contribui para a narrativa, no sentido de parecer contar a história do ponto de vista da mulher que vai fazer a visita a penitenciária, como se percebe também pela letra:

**Se soubesses o que faço para vir te ver / Se soubesses o que fiz só pra poder te ver / Não te zangarias nunca / Nem duvidarias do meu amor /**  
Se soubesses o que menti para poder te ver / Se soubesses como luto pra poder sair / Dizem que sou muito jovem para ser feliz / Não me tratarias desse modo tão estranho que me faz sofrer / Se soubesses o que minto pra poder te ver / **Quando vai chegar o dia / Que eu não me separe nunca mais de ti / Quando vai chegar a hora de ficarmos juntos a falar de amor**  
/ E te ver, te falar toda vez que eu queira / E me ver e falar quando querias também / Se soubesses como luto pra poder sair / Dizem que sou muito jovem para ser feliz / Não me tratarias desse modo tão estranho que me faz sofrer / Se soubesses o que minto pra poder te ver / Quando vai chegar o dia / Que eu não me separe nunca mais de ti / Quando vai chegar a hora de ficarmos juntos a falar de amor / E te ver, te falar toda vez que eu queira / E me ver e falar quando querias também (grifos nossos)

Pontuamos aqui que a letra da música, que relaciona bastante com a carta fictícia escrita por Ronaldo Fraga. Para enfatizar o ponto de vista da amada temos a interpretação da canção na voz de uma mulher. A sonoridade da música nos transporta para um ambiente melancólico, a batida sincopada da bateria nos faz pensar num encontro que realmente não aconteceu. Somando essas informações à carta fictícia, podemos perceber os dois lados da narrativa: do homem que ficou esperando a visita

que não veio e através dessa música a revelação da mulher, que tentou fazer a visita, mas não conseguiu.

Para finalizar a trilha sonora, temos uma versão *track* de “Vem, eu mostrarei”, também com bateria eletrônica e teclado. Percebemos uma aceleração no andamento da canção e o aumento do tom no meio da música, nos dando a sensação de finalização. A sonoridade também remete a igreja, mas sempre com o tom de algo que está acabando: seja o fim de uma missa, noivos saindo da igreja ou mesmo o fim de um filme, quando os caracteres começam a aparecer com os créditos. Ou seja, a música indica também a finalização do desfile – da narrativa.

É importante ressaltar que o estilista demonstra preocupação com a qualidade artística de suas trilhas sonoras. A parceria com os músicos Fernanda Takai e John Ulhoa voltou em na coleção outono/inverno 2006, intitulada “Festa no Céu”, na qual a pesquisa musical tem participação dos músicos e não apenas do estilista. Nessa trilha há participação de outros músicos, como Alda Rezende, Érika Machado e Lulu Camargo. Há também uma participação especial de Elke Maravilha, que interpreta uma das canções.

Fernanda Takai também cantou ao vivo no desfile da coleção verão 2007/2008, intitulada “Nara Leão”, na qual o estilista retratou as várias fases da cantora. Ressaltamos aqui que essa participação de Fernanda Takai aconteceu na época em que ela estava finalizando o seu primeiro álbum solo com releituras das músicas dessa cantora. Dessa forma, fez-se com que o desfile funcionasse como um produto midiático que ajudou a divulgar o álbum “Onde brilhem os olhos teus”, que pouco tempo depois seria lançado e amplamente divulgado, ao contrário das outras trilhas sonoras. No entanto, enfatizamos aqui que as trilhas anteriores e esse álbum têm formas de circulação diferentes: as trilhas com circulação mais restrita e o álbum com circulação mais ampla.

É interessante pontuar que a música nesses casos figura como um elemento produtor de sentido e que a sua fruição acontece no contexto do desfile. Assim, trata-se de uma apresentação única pra um determinado grupo de pessoas (os convidados que estejam lá para assistir o desfile). No entanto, diante das facilidades postas através do desenvolvimento tecnológico dos processos de gravação e produção do registro sonoro a trilha foi lançada também em CD sendo possível ter o registro gravado para ouvir a qualquer momento (THÉBERGE, 2006).

## Considerações finais

Fazemos aqui a ressalva que para a produção de sentido na relação da trilha sonora com o tema do desfile, é preciso ter o conhecimento prévio das músicas utilizadas. Conforme Eco (1991, p. 113) “a enciclopédia é um postulado semiótico. Não no sentido que não seja uma realidade semiótica: ela é o conjunto registrado de todas as interpretações, concebíveis objetivamente como a biblioteca das bibliotecas (...)”.

Assim, esse conhecimento enciclopédico é definidor na interpretação da trilha sonora no contexto do desfile. A produção plena do sentido depende, por exemplo, de que o espectador tenha um repertório musical – podendo, deste modo, identificar a sonoridade de uma música de igreja ou mesmo os *samples* retirados das músicas de Diana. No entanto, não queremos afirmar aqui que aqueles sem este conhecimento não iriam entender o desfile, pois a própria sonoridade das canções – ao menos para os brasileiros – remete aos teclados de uma música brega e ao mesmo tempo aos teclados comumente usados nas igrejas. Pois,

enquanto do ponto de vista de uma semiótica geral se pode postular a enciclopédia como competência global, do ponto de vista sociosemiótico é interessante reconhecer os diversos níveis da posse da enciclopédia, ou as enciclopédias parciais (de grupo, de seita, de classe, étnicas e assim por diante (ECO, 1991, p. 113)

O que queremos afirmar é que a especificidade da identificação da música original depende deste tipo de conhecimento. Ou mesmo que na condição desse desfile circular em outros países, a trilha sonora provavelmente não teria o mesmo efeito e sentido que teve para o público que o assistiu na São Paulo Fashion Week, a não ser na hipótese dos espectadores terem o mesmo conhecimento do público brasileiro.

Para Ortiz (2007, p. 127), “um arquivo de lembranças permite que cada “dado” individual seja agenciado em diferentes contextos. Eles são, portanto, em função de seu uso, intercambiáveis, ajustando-se, combinando-se uns com os outros.”. Esse agenciamento nos leva a noção também de intertextualidade, que figura na mistura dos elementos da coleção “Cordeiro de Deus”. O tema central do presídio, somado a elementos da religiosidade, a traços da cultura de massa – como por exemplo, as estampas com a numeração da roupa de presidiário (ver Figura 2) e a mistura de músicas religiosas e de Diana (que se relacionam com universo do presidiário) juntos

compõem e produzem um novo texto, um novo sentido, uma nova textualidade. Ou como coloca Ortiz (2007, p. 127), “um texto é sempre construído a partir de outros discursos anteriores”.

Deste modo, consideramos que a música no processo de construção do sentido do desfile-acontecimento desempenha um papel fundamental. Associando-se à cenografia, à iluminação e, principalmente, ao conceito que é proposto na coleção pelo estilista, a trilha sonora ajuda a delinear esse sentido, como pudemos observar através da análise da trilha sonora da coleção “Cordeiro de Deus”, de Ronaldo Fraga. No entanto, pontuamos aqui nosso interesse de analisar trilhas sonoras de outras coleções do estilista para melhor compreensão do fenômeno da produção do sentido de narrativas em desfiles de moda.

## Referências

BARBERO, Jesus Martin. **Dos Meios às Mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro : EdUFRJ, 2006.

CASA DE CRIADORES. Disponível em:

<<http://www.casadecriadores.com.br/Home/CasadeCriadores/tabid/60/Default.aspx>>.

Acesso em julho de 2009.

DUGGAN, Ginger Gregg. **O maior espetáculo da terra**: os desfiles de moda contemporâneos e sua relação com a arte performática. *In: Fashion Theory*, São Paulo, v. 1, n.2., p. 3-30, jun. 2002.

ECO, Umberto. Dicionário *versus* enciclopedia. *In: Semiótica e Filosofia da Linguagem*. Tradução José Carlos Fiorin. São Paulo: Ática, 1991. P. 63-140.

FRITH, Simon. La industria de La musica popular. *In: FRITH, Simon, STRAW, Will, STREET, John (Org). La outra historia Del rock*. Barcelona: Ediciones Ro-binbook, 2006. p 56-85

GARCIA, Carol. **Coleção Moda Brasileira**: Ronaldo Fraga. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

JANOTTI Jr., Jeder. De que lado você samba? Uma proposta de análise midiática da música popular massiva. *In: Revista Ícone*. V. 10, n. 02. Disponível em: <http://www.icone-ppgcom.com.br/index.php/icone/article/viewFile/31/30>. Acesso em julho de 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução: Maria Clara Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SABATINELLI, Rodrigo. Lar, doce lar. **Revista Áudio, Música e Tecnologia**. n. 177, junho de 2006. Disponível em: <[http://www.musitec.com.br/revista\\_artigo.asp?revistaID=1&edicaoID=177&navID=2016](http://www.musitec.com.br/revista_artigo.asp?revistaID=1&edicaoID=177&navID=2016)>. Acesso em julho de 2009.

SANT'ANNA, Patrícia. Moda: uma apaixonante história das formas. *In: Ciência e Cultura*, vol.61 no.1 São Paulo, 2009. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100020&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252009000100020&script=sci_arttext)>. Acesso em julho de 2009.

SOUZA, Gilda de Mello e. **Espírito das roupas: a moda no século dezenove**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

THÉBERGE, Paul. 'Conectados': la tecnologia e la musica popular. *In: FRITH, Simon, STRAW, Will, STREET, John (org). La outra historia Del rock*. Barcelona: Ediciones Ro-binbook, 2006. p 25-52